

Internet não democratiza informação

Julia Dietrich

"As agências internacionais de notícias controlam desde a produção do material até a seleção de pautas do jornalismo brasileiro. Diferentemente do discurso apresentado pela Organização das Nações Unidas (ONU) de que a tecnologia possibilitou que a informação fosse democratizada, observo, ao analisar o comportamento do jornalismo internacional do país, que não. A tecnologia mudou, possibilitando que outras fontes de informação fossem consultadas e que se transformasse a própria construção da matéria, mas o sistema permanece o mesmo".

A afirmação é de Maria José Baldessar, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em sua recente tese de doutorado, defendida na escola de comunicação e artes da Universidade São Paulo (ECA-USP), ela mapeou a atuação das agências internacionais de notícias Reuters e EFE durante três meses, não consecutivos, entre 2004 e 2006. Cruzando os dados com as matérias publicadas nos jornais que também repassam as informações a outras redes jornalísticas brasileiras Jornal do Brasil, Agência Estado e O Globo.

"Na pesquisa, observei que os veículos analisados apenas reproduzem a informação. Não problematizam a notícia, não checam os dados e nem verificam pela internet se as informações e fontes apontadas pelas agências são coerentes", condena. A jornalista discorda da posição de que se vive em uma aldeia global, na qual a informação é veiculada e apreendida de forma democrática.

Ao verificar os dados coletados durante os três meses, criando um espelho e repetindo o procedimento durante duas semanas consecutivas, a pesquisadora percebeu que o comportamento dos jornais se manteve igual. Segundo ela, as matérias produzidas nacionalmente, na maioria das vezes, nem citam como fontes as agências internacionais. Tampouco as agências dizem reproduzir conteúdos apreendidos por terceiros, não creditando os dados as suas respectivas vozes.

Baldessar observou que os veículos analisados, ao reproduzirem notícias internacionais, não chegavam nem a questionar a relevância da informação para a média da população brasileira. "É curioso observar a insistência de certos temas nacionais em relação aos estrangeiros. São Paulo e Rio de Janeiro são retratadas como as cidades mais violentas do planeta, mas não há menção de que são tão violentas quanto grandes metrópoles da Europa e Estados Unidos. É interessante ver os índices de violência nas periferias de Paris, Berlim e Londres", diz.

A pesquisadora não condena os jornalistas e sim o sistema como um todo. "Como alternativa, é possível observar as redes orientais Al-Jazira e Al-Arabia que, ao admitirem seus pontos de vistas e não se subordinarem ao conteúdo das agências, tornaram-se um interessante contraponto ao domínio europeu e norte-americano na manipulação das informações. Elas vieram para questionar o que estava sendo feito e assumir parcialidade na defesa do mundo árabe", acredita.

"Ao entrevistar o diretor de uma de televisão egípcia, ouvi que, com o advento dessas redes, eles começaram a se ver como povo e como pessoas, indicando a importância delas tanto para o Oriente árabe, quanto para o islâmico", conta. Baldessar vê a Telesur, embora reprodutora do jornalismo tradicional, como alternativa informativa. "É um esforço louvável de integrar as Américas, mas, infelizmente, ela não ousa, reproduzindo a mesma forma de produção de conteúdo", observa.

A Telesur, criada em 2005, é uma rede interestatal que congrega a Venezuela, Cuba, Argentina, Bolívia e Uruguai e tem o apoio do Brasil e de outros países da América Latina. Ela organiza as informações do sub-continente, referendando a produção jornalística local que não seja pautada exclusivamente pelas necessidades da mídia internacional.

Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br>>. Acesso em 6 fev. 2007